



BRASÍLIA-DF

por Denise Rothenburg » deniserothenburg.df@dabr.com.br



Sergio Lima/CB/D.A Press - 01/2/21

CURTIDAS



Lula na área/ É hoje a conversa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com José Sarney, o oráculo da política brasileira a que todos recorrem, inclusive Bolsonaro. Para completar, o petista pretende, ainda, um tête-à-tête com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG, foto), aquele que o DEM preserva a quatro chaves para ver se consegue transformá-lo em candidato a presidente da República, em 2022.

Olho nele/ Pacheco é considerado equilibrado, preparado, agregador. De quebra, pode sair bem de Minas Gerais, onde nada impede que arrume uma boa coligação para apoiá-lo. O nome do senador, aliás, começa a aparecer discretamente em pesquisas.

Ele vai insistir/ O governador de São Paulo, João Doria, já fez chegar à executiva do PSDB que defenderá a manutenção das prévias do partido para presidente da República, em 17 de outubro. “Quem quer adiar prévias não quer prévias”, afirmou.

Alvo & querido/ Os bolsonaristas colocaram o senador Ciro Nogueira (Progressistas-PI) no radar dos ataques nas redes sociais e, por WhatsApp, distribuem vídeos do senador ao lado de Lula. Já o líder do DEM, senador Marcos Rogério (DEM-RO), é visto como o melhor da tropa de choque do governo.

E o Teich, hein?! Cada grupo saiu com uma narrativa do depoimento do ex-ministro Nelson Teich. Os opositoristas consideram que ele deixou claras as dificuldades de Bolsonaro em seguir as recomendações do Ministério da Saúde. Já os governistas consideram que ouviram dele o principal: Bolsonaro nunca disse diretamente ao ministro que ele tinha que incluir a hidroxicloroquina no protocolo do Ministério. E segue o baile.

A pólvora de Bolsonaro

A fala de Bolsonaro na solenidade da Semana das Comunicações, em que insinuou “guerra química” detonada pela China e ameaçou um decreto para derrubar as medidas restritivas tomadas para tentar evitar a proliferação do vírus, foi vista como uma forma de tentar intimidar a CPI da Covid. Porém, aliados do presidente garantem que a mensagem é uma resposta aos manifestantes que foram às ruas em defesa do governo e que pediam a abertura total das atividades no país. Mas, há dúvidas se o discurso ajuda a tirar um pouco o foco da comissão parlamentar de inquérito, onde o governo perdeu de lavada até o momento.

A ideia de Bolsonaro, de se manter fiel ao seu público mais radical e àqueles que pedem a abertura geral de todas as atividades, sem restrições, é contra com o apoio de uma parcela da população se o resultado da CPI for um parecer totalmente desfavorável e que o acuse de omissão na pandemia. Na comissão, a estratégia do governo ali ainda não conseguiu quebrar o G-7, grupo de oposição e independentes, e, pelo andar da carruagem, não conseguirá.



Cavalo de pau na diplomacia

Com o apoio do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, à quebra de patentes de vacinas contra a covid-19, diplomatas brasileiros radicados no exterior apostam que a posição do Brasil será seguir por esse mesmo caminho. Até aqui, o Itamaraty tinha se manifestado contra a medida.

“Fios desencapados”

Assim, aliados de Jair Bolsonaro se referem ao ex-secretário de Comunicação Fabio Wajngarten e ao ex-ministro de Relações Exteriores Ernesto Araújo. Nenhum dos dois leva desaforo para casa ou engole sapo calado. Há quem diga que eles, agora, precisarão de treinamento regado a suco de maracujá e chá de camomila, antes da audiência, na próxima terça-feira.

Queiroga apresentará a correção de rumos

Em seu depoimento, hoje, aos senadores da CPI da Covid, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, terá a missão de abastecer a base governista com tudo o que o ministério ajustou desde que ele assumiu o cargo. A estratégia é passar a ideia de que qualquer deslize ficou para trás.

Vacinas & protocolos

Falará do protocolo em curso para o tratamento dos pacientes, sem hidroxicloroquina, da compra de vacinas e da perspectiva de ter os brasileiros imunizados até o final do ano. É uma estratégia do tipo “vamos pensar no futuro e deixar o passado para lá”.

Não fez nem “cosquinha”

A reação dos secretários de Fazenda estaduais e municipais contra a extinção da comissão mista que analisou a reforma tributária não fará o presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), mudar de posição. Ele está convencido de que é preciso começar a analisar a proposta fatiada na Casa para garantir votação este ano.

PODER / Partido manobra para tornar-se uma alternativa de centro à possibilidade de polarização da corrida presidencial e contra o bolsonarismo nos estados, nas eleições de 2022. Na CPI da Covid, senadores da legenda não poupam críticas aos aliados do presidente

PSD se afasta de Bolsonaro

» AUGUSTO FERNANDES
» ISRAEL MEDEIROS

Aliança formada pelo presidente Jair Bolsonaro com partidos do Centro ao longo de 2020 vem se desgastando nos últimos meses, e o PSD, um dos partidos que prometeu sustentação política ao mandatário no Congresso, já traça uma estratégia para descolar a sua imagem do governo federal — algo que já pode ser percebido na CPI da Covid por conta das atuações do presidente da comissão parlamentar de inquérito, Omar Aziz (AM), e do senador Otto Alencar (BA), de clara oposição ao Palácio do Planalto. O objetivo da legenda é de, nas eleições do ano que vem, se apresentar aos eleitores brasileiros como uma terceira opção ao Palácio do Planalto.

Políticos filiados à sigla reprovam a forma como Bolsonaro tem conduzido a pandemia da covid-19 e avaliam que, para o bem do partido, o PSD não pode ser levado junto. Não à toa, parlamentares da legenda acreditam que, hoje, a agremiação tem menos chances de construir uma relação com o presidente do que há um ano, quando Bolsonaro iniciou a aproximação com o Centro.

O primeiro passo em busca da “independência” dado pelo partido foi a filiação do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, à legenda, na última terça-feira. Presidente nacional da legenda, Gilberto Kassab foi o responsável por negociar a saída do prefeito do DEM. Com um nome de peso à frente de uma das cidades mais importantes do país, ele acredita ser possível ganhar força para alavancar uma candidatura de centro na corrida presidencial e bater de frente com Bolsonaro.

Ricardo Stuckert/Divulgação



Lula e Kassab conversaram sobre estratégia contra Bolsonaro. Haddad (E) e Gleisi participaram do encontro

O presidente do PSD ainda negocia a filiação do deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), ex-presidente da Câmara. Com a chegada dele à legenda, Kassab aposta em um fortalecimento da oposição a Bolsonaro no berço eleitoral do presidente, o que certamente teria impacto na eleição presidencial. Nessa articulação para minar a popularidade de Bolsonaro no Rio, o possedista cogita até uma aliança com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (leia ao lado).

Desgaste na comissão

A manobra do PSD de se afastar de Bolsonaro tornou-se ostensiva na CPI da Covid, com os senadores Omar Aziz e Otto Alencar. Na sessão de ontem, que interrogou o ex-ministro da Saúde Nelson Teich, o presidente da comissão fez duros ataques à utilização da cloroquina no tratamento a pa-

cientes infectados pelo novo coronavírus — mesmo sem comprovação científica, o remédio é defendido por Bolsonaro e vem sendo defendido pelos senadores governistas na CPI.

Referindo-se a um episódio acontecido em Manaus, em abril, quando a técnica em radiologia Jucicleia de Souza Lima, de 33 anos e com covid-19, submeteu-se a um tratamento clandestino de aspiração de hidroxicloroquina prescrito pela médica ginecologista e obstetra Michelle Chlechter, no Instituto da Mulher e Maternidade Dona Lindu, Aziz questionou Teich se o episódio seria um crime. O ex-ministro tergiversou dizendo apenas que era algo errado, o que irritou o senador — que o acusou de se esquivar de responder às perguntas da CPI convictamente.

Quase no fim da sessão, Aziz se desentendeu com o senador

Eduardo Girão (Podemos-CE), que o acusou a CPI de blindar governadores e prefeitos e apenas buscar provas contra Bolsonaro. O presidente da CPI o interrompeu. “Vossa Excelência, de manhã, veio aqui prescrever remédio, como se fosse médico. E agora o senhor volta aqui só para ofender a gente? Como o senhor estava prescrevendo cloroquina aqui, rapaz?”, criticou.

O senador Otto Alencar, que é médico, também não fez por menos ao criticar o colega Luís Carlos Heinze (Progressistas-RS), agrônomo e que também defendeu tenazmente a cloroquina: “Da maneira que vossa excelência falou, com tanta raiva de quem se coloca contra aqueles que prescrevem de forma incorreta e não são médicos, nesse laboratório de utilização para bovinos uma vacina antirrábica não ficava inadequada para vossa excelência”.

Da maneira que vossa excelência falou, com tanta raiva de quem se coloca contra aqueles que prescrevem de forma incorreta e não são médicos, nesse laboratório de utilização para bovinos uma vacina antirrábica não ficava inadequada para vossa excelência”

Do senador Otto Alencar (PSD-BA) para o colega Luís Carlos Heinze (Progressistas-RS), na CPI da Covid, que fez vigorosa defesa do uso da cloroquina contra o novo coronavírus

Lula tenta atrair Maia e Kassab

Em mais um dos seus compromissos políticos em Brasília com vistas às eleições de 2022, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve encontros com o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ), ex-presidente da Câmara, e com o presidente do PSD, Gilberto Kassab, ontem. Nas reuniões, o petista sinalizou ser importante que os partidos de esquerda e centro se unificassem para o pleito do ano que vem, o que poderia fortalecer a oposição ao presidente Jair Bolsonaro. O ex-ministro da Educação Fernando Haddad e a deputada federal e presidente do PT, Gleisi Hoffman (PR), participaram da conversa.

Assim como discutiu, nos últimos dois dias, com os deputados Alessandro Molon (PSB-RJ) e Marcelo Freixo (PSol-RJ), Lula frisou que um dos principais objetivos das legendas que se opõem a Bolsonaro para 2022 deve ser o de derrotá-lo no Rio de Janeiro, reduto eleitoral do presidente. O argumento defendido pelo ex-presidente é o de que mesmo que cada partido queira lançar os próprios nomes na corrida ao Palácio do Planalto no ano que vem, o enfraquecimento do presidente nos estados pode frustrar os planos do presidente de conseguir a reeleição. Por isso, ele é a favor de alianças

pontuais entre legendas de esquerda e de centro, e até abre mão de lançar candidatos.

Outra pauta em discussão por Lula ao longo desta semana tem sido a volta do auxílio emergencial a R\$ 600. Hoje, está prevista uma reunião dele com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), na qual o petista deve apresentar um pedido para que o Congresso vote um projeto para restituir o quanto antes o valor do benefício que foi repassado em 2020.

No entendimento de Lula, o fato de o auxílio não ter sido disponibilizado nos três primeiros meses de 2021 e de, quando retomado em abril, ter sido pago a um valor médio de R\$ 150, foram determinantes para o recrudescimento da pandemia da covid-19 no Brasil. O plano que tem sido apresentado pelo petista para contornar essa situação é de que haja o pagamento de pelo menos seis parcelas do auxílio a R\$ 600 neste ano.

Ontem, o ex-presidente tratou do assunto com o vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PL-AM). O parlamentar disse que é difícil encontrar uma forma de financiar o benefício a esse valor, mas garantiu que o Congresso terá de discutir o tema. (AF e IM)